

**CONGRESSO INTERNACIONAL  
MATERIALES PARA UN DE ESPAÑA, PORTUGAL E IBEROAMÉRICA DICCIONARIO  
BIOGRÁFICO FRANCISCANO  
ANTIGUO CONVENTO DE SAN FRANCISCO - PRIEGO DE CÓRDOBA - 25 - 27 DE JULIO 2012**

**CONJUNTO MONÁSTICO DE SÃO FRANCISCO DE ÉVORA  
Notas sobre a sua Conservação**

Maria do Céu Simões Tereno\*  
Universidade de Évora

## **Resumo**

A cidade de Évora dispõe, dentro do seu perímetro amuralhado, de um conjunto assinalável de edifícios históricos, muitos dos quais de carácter religioso, e que marcam a imagem da cidade.

A riqueza formal e a diversidade destes edifícios, bem como o ambiente envolvente que propiciaram, contribuíram certamente para que esta cidade fosse incluída no património mundial em 1986.

Os grandes monumentos refletem as marcas do génio e do engenho dos seus construtores, bem como plasmam os seus conceitos sobre vida, arte, filosofia e sentimentos da sociedade coeva.

Podemos considerar que o conjunto monástico constituído pela Igreja e o Convento de S. Francisco, em Évora materializam esses conceitos.

Esta Igreja merece uma observação mais atenta, quer pela sua qualidade arquitetónica quer para se poder fundamentar o interesse na sua salvaguarda.

Do ponto de vista histórico, parece ter também um peso importante, não apenas pelo que a si mesma respeita, mas ainda por se erguer no local onde existiu uma outra igreja, iniciada em 1224, de que o remanescente do claustro, atribuível ao século XIV, revela a importância.

A atual igreja, iniciada em finais do século XV, foi dotada pelo Rei D. Manuel de rica decoração interior, e novos elementos arquitetónicos, dos quais se salientam a torre sineira e a galilé.

A igreja e dependências que a ela se adossaram ao longo do tempo, revelam um centro religioso de certa importância, dentro da cidade, que foi diminuindo após a exclausuração das ordens religiosas, em 1834.

Neste estudo, vamos notar os pontos principais da sua história, a sua possível influência na vida da cidade, os tratamentos a que tem sido submetida para atenuar a sua degradação, o estado em que se encontra, e as medidas que se admitem para a sua salvaguarda, por se tratar de um conjunto que consideramos particularmente interessante e importante, no quadro dos monumentos históricos da cidade de Évora.

**Palavras – Chave: Igreja, S. Francisco, preservação, património.**

## **Abstract**

The city of Évora has, within its walled perimeter, a remarkable collection of historic buildings, many of which are of religious nature, and they mark the city's image.

The formal richness and diversity of these buildings and the environment that led, certainly contributed to make this city be included in world heritage site in 1986. The great monuments reflect the marks of genius and ingenuity of their builders, as well as currents shaping their concepts about life, art, philosophy and feelings of coeval society.

We can consider the set consisting of the monastic church and the convent of S. Francis in Évora materializes those concepts. This church deserves a closer look, because of its architectural quality and deserves to be persevered.

From the historical point of view, seems also to have an important role, not only because of itself, but on the rise where there was another church, started in 1224, that the remainder of the cloister, attributable to the fourteenth century reveals the importance. The present church, begun in the late fifteenth century, was endowed by King Manuel with rich interior decoration, and new architectural elements, of which stress the bell tower and porch.

The church and the dependencies that were attaching to it over time, reveal a religious center of some importance within the city, which decreased after the exclausuration of religious orders in 1834. In this study, we noted the main points of its history, its effect on city life, the treatments that have been

submitted to mitigate its degradation, and the measures that are allowed for its safeguard, because it is a set that we consider particularly interesting and important in the context of the historical monuments of the city of Évora.

**Key - Words:** Church, S. Francisco, preservation, heritage.

## 1. Introdução

Os grandes monumentos são, quase sempre, marca do génio e engenho dos seus construtores, são marcos de referência que podem sintetizar os conceitos de vida, de arte e até, os sentimentos da sociedade que lhes dá forma, marcos que conservam essa memória para os tempos vindouros.

A Igreja de S. Francisco de Évora e o que resta do seu Convento, recordam-nos constantemente os aspetos da história a que está intimamente ligada e o acompanhamento próximo das vicissitudes físicas a que o tempo a sujeitou faz-nos temer que este farol extinguísse sem glória.

Felizmente desde a altura em que abordamos este tema pela primeira vez, em 1996<sup>1</sup>, em que se notava uma demorada paragem nas atenções de conservação, observam-se algumas intervenções que prenunciam um empenhamento renovado nos cuidados que a vida de um monumento com a dignidade e as características deste, salientadas por autoridades nesta área, como o Professor Chicó, indubitavelmente merece<sup>2</sup>.

Assim, vamos notar os pontos principais da sua história, os tratamentos a que tem sido submetida para moderar a sua degradação, o estado em que se encontra e as medidas que se admitem para promover a sua salvaguarda e conservação.

## 2. Notas Históricas

---

<sup>1</sup> Este trabalho tem como base, a dissertação de doutoramento, em Conservação do Património Arquitetónico, com o título "*Contributo da Perspectiva para a Salvaguarda de Monumentos Históricos*", apresentada à Universidade de Évora, 1996, pela autora.

<sup>2</sup> Mário T. Chicó; M. Mendonça; F. de Pamplona; D. Peres; *História da Arte em Portugal*, Porto, 1970, p.104, onde refere: " Um Monumento profundamente original, devido às novidades introduzidas no país, e ao modo como as conjuga com as fórmulas tradicionais".

Esta Igreja, consagrada a S. Francisco, desde princípios do século XIII, representa um marco histórico na cidade e teve projeção importante na sua vida.

No Convento anexo estanciou a família real, e a sua importância parece revelar-se, pelo número de capelas que foram instituídas pela população<sup>3</sup>.

Inúmeras gerações de eborenses consideraram este local como sagrado e nele assistiram a momentos solenes das suas vidas; os batizados, os casamentos e até, os funerais.

Este local, designadamente esta Igreja, foi cenário de acontecimentos marcantes na história de Portugal, como o casamento de D. Pedro I com D. Constança Manuel, da Infanta D. Maria com D. Fernando de Aragão, de D. Afonso de Portugal com D. Isabel de Castela<sup>4</sup>.

A sua já longa tradição e a sua qualidade arquitetónica, que lhe dão lugar de destaque, no cômputo dos monumentos nacionais, merecem uma empenhada atenção para não correr o risco de ficar empobrecido este património, já integrado no património mundial.

O conjunto constituído pela Igreja e Convento de São Francisco, foi implantado na antiga freguesia de S. Antão, fora da cerca romano-goda, e encontra-se orientado no sentido poente / nascente, situando-se a cabeceira da igreja a nascente<sup>5</sup>.

O padre António Franco ao atualizar a grafia da obra "Évora Ilustrada", do padre Manuel Fialho, no início do Capítulo XI, sob o título - Convento de S. Francisco, fundado em Évora pelos anos de 1224 - refere: " O Convento de S.

---

<sup>3</sup> Maria Ângela G. V. R. Beirante, *Évora na Idade Média*, Tese de Doutoramento policopiada, Lisboa, 1988, p. 742, onde menciona este facto: " As ligações entre o convento franciscano e a cidade eram contudo, muito fortes, a avaliar pelo elevado número de capelas que os seus moradores fundaram no mosteiro. Como pregadores e confesores, os franciscanos atraíam a si a piedade dos eborenses que elegiam o mosteiro para última morada."

<sup>4</sup> Túlio Espanca, " *Inventário Artístico de Portugal* ", Lisboa, 1966, p. 146

<sup>5</sup> Maria Ângela G. V. da Rocha Beirante, *ob. cit.*, p. 80

Francisco, em Évora, é o mais antigo da Ordem na província do Alentejo. Sua fundação foi pelos anos acima ditos, qual fosse não consta. " <sup>6</sup>

Frei Jerónimo de Belém, em "Crónica Seráfica", mencionado por Túlio Espanca aponta também o ano de 1224, como data de fundação do Convento e da Igreja<sup>7</sup>.

José Manuel Queimado pormenoriza a história da fundação da Igreja, mencionando que S. Francisco enviou filhos seus, S. Gualter e Fr. Zacarias, cerca de 1223, a Évora, para aí fundarem um convento da Ordem<sup>8</sup>.

Fundação que teria ocorrido em 1224, dada a boa vontade da população que lhes facultou o espaço e os meios financeiros para a construção do Convento.

O terreno cedido, segundo a tradição abrangia a área entre a porta do Rossio e a porta do Raimundo<sup>9</sup>, e no local da atual Igreja, existiram anteriormente duas igrejas, uma delas também com sete naves (tramos?), mas que não se igualava à que hoje admiramos<sup>10</sup>.

Augusto Filipe Simões, em "Archivo Pittoresco" escreveu diversos artigos sobre os Paços e o Convento e Igreja de S. Francisco, e, referindo uma crónica existente num livro de pergaminho do coro, por onde se cantavam

---

<sup>6</sup> Padre António Franco, *Évora Ilustrada – Extraída da Obra do Mesmo Nome do Padre Manuel Fialho*, Évora, 1945, p. 335. Maria Ângela G. V. R. Beirante, *ob. cit.*, p. 118, onde refere: " O mosteiro dos franciscanos foi erguido no "arrualde de circa Corredoira" que lhe foi doado, em 1250, por João Estevens e sua mulher. Este Terreno era delimitado de um lado pela via pública da Corredoura (correspondente à atual R. da República) e pela via para a Fonte Santa".

<sup>7</sup> Túlio Espanca no seu artigo sobre " Palácios Reais de Évora", *Cidade de Évora*, nº 11 – 1946, p. 45, e Maria Ângela G.V. R. Beirante, *ob. cit.*, p.241

<sup>8</sup> José Manuel Queimado, *"Alentejo Glorioso – Évora suas ruas e conventos "*, Évora, 1975, p. 121, e Augusto Filipe Simões, " Évora: Egreja e Convento de S. Francisco", em "Archivo Pittoresco", Lisboa, XI, 1868, p.10

<sup>9</sup> Pode constatar-se a dimensão da propriedade então atribuída à irmandade franciscana, através do mapa que se encontra incluído na obra *Atlas das Cidades Medievais Portuguesas*, A. H. de Oliveira Marques, Iria Gonçalves e Amélia Aguiar Andrade, Lisboa, 1990, pp. 83-85

<sup>10</sup> Albrecht Haupt, *A Arquitetura do Renascimento em Portugal*, Lisboa, 1986, p. 257, refere a imponência da igreja, nestes termos: "Das igrejas que aqui encontramos, a mais importante e que maior significado tem para nós é, exceptuando a Sé em primeiro gótico, a de S. Francisco, sobretudo pela sua forma característica no exterior. É uma das maiores construções religiosas de finais da Idade Média."

as horas menores, transcreve o seguinte: “ Esta Casa de S. Francisco de Évora quer aqui por o que tem para os que vierem saibam o que é da Casa. Esta Casa tem por cêrca de porta do Rocio até à porta do Raimundo, tomando pela rua dos Toiros abaixo até à porta. E tem este alpendre e todo o adro sagrado assim como são as claustras ambas e a Igreja, e de banda do muro da cidade não é sagrada, posto que o seja o adro.

A igreja era de sete naves, e no couce estava um coro muito honrado, e pregam no alpendre para caber a gente. A igreja de sete naves caiu, e com esmolos a tornaram a fazer os padres de três naves, e tornou a cair com parte do alpendre, de que esta casa recebeu grande perda e damno, e reinou D. Afonso V, e houve grandes guerras com Castella.”<sup>11</sup>.

Este autor não está, porém, de acordo com a crónica, visto que lhe parece pouco razoável que em apenas dois séculos, os frades com grande tradição de pobreza, tivessem erguido uma igreja com sete naves, quando na altura eram comuns as igrejas com cinco naves, entretanto tivesse ruído e voltado a ser construída e, ainda, mais tarde tivesse ficado em ruínas esperando os frades a magnanimidade do Rei para voltarem a ergue-la.

Cerca de 1483 se iniciaram as obras para os fundamentos da igreja que atualmente existe, e que foi construída com a intenção de ser utilizada como capela real. Pensa-se que o seu arquiteto foi Martim Lourenço<sup>12</sup>.

Destas obras se encontra memória no foral que D. Manuel deu à cidade de Évora, em 1501, e que, segundo A. Filipe Simões: “ Tem no principio um desenho de cores, tosco e imperfeito, que representa a cidade n’aquela época, e por cima a seguinte epigraphe gótica: “Ebura colonia romana”.

---

<sup>11</sup> A. Filipe Simões, *ob. cit.*, p. 18, e também Gabriel Pereira, *Documentos da Cidade de Évora*, Évora, 1886, fascículos XII, XXI e XXII.

<sup>12</sup> José Custódio Vieira da Silva, *O Tardo-Gótico em Portugal – A Arquitetura no Alentejo*, Lisboa, 1989, p. 91. Este autor situa a reconstrução da igreja, alguns anos mais cedo, apoiando-se nos seguintes factos: “ As guerras em que D. Afonso V se envolveu com Castela decorreram entre 1475-1479, tendo-se a batalha crucial de Toro desenrolado em 1476. Se dermos crédito às palavras do cronista, seria, pois, a partir destes anos que a reconstrução e aumento da igreja de S. Francisco se teriam iniciado.”

Ahi se vê a igreja de S. Francisco, tendo as paredes incompletas com um guindaste a indicar as obras que n'ella se faziam. " <sup>13</sup>.

A lenda conta que as obras estiveram paradas na igreja durante cerca de uma década, e disso nos dá notícia o padre Manuel Fialho, citado pelo padre António Franco, em obra já mencionada: " É tradição que o oficial depois que a teve nos arrancamentos da abóbada, entregando as medidas a El-Rei dizendo que haviam de servir, desaparecera e não houve quem se animasse a fechar a abóbada. E assim esteve 10 anos. Então apareceu o oficial, dando por razão que se a fechara se arruinaria, que agora o podia fazer por estarem assentadas as paredes. Tomadas as medidas, se achou terem abatido sete palmos. Fechou-se com a segurança que tem e que promete. " <sup>14</sup>

D. Manuel acrescentou à obra já iniciada, com a sua enorme nave central, uma galilé para cobrir o espaço de acesso à igreja. O encaixe deste terraço na fachada da igreja cobriu os óculos ali existentes<sup>15</sup>.

Mandou ainda acrescentar a torre sineira e mandou decorar ricamente a igreja.

As dimensões e a riqueza da decoração provocaram o epíteto de Convento do Ouro para este conjunto arquitetónico.

Ao descrever esta igreja, em " Évora - na História e na Arte ", Celestino David utilizou elementos extraídos da Crónica Seráfica do padre Fr. Jerónimo de Belém e que refere o seguinte: " diz que a igreja tem 218 palmos, e 60 de largo, sem haver nela parede que exceda a grossura de três palmos, nem passando a cimalha das mesmas capelas de dois terços da altura. " É toda

---

<sup>13</sup> A. Filipe Simões, *ob. cit.*, p. 32

<sup>14</sup> Padre António Franco, *Évora Ilustrada – Extraída da Obra do Mesmo Nome do Padre Manuel Fialho*, Évora, 1945, p. 335. José C. Vieira da Silva, em obra citada, apresenta outro aspeto de interesse, que poderia justificar a paragem nas obras a decorrerem em S. Francisco. Na página 93 refere: " De acordo com uma dessas tradições, tal facto devera-se à necessidade de melhor estudar a maneira de abobadar aquele enorme espaço; outra tradição aponta, por imperícia e receio dos mestres em assentarem abóbada tal larga em paredes tão pouco espessas, o abandono das obras e a fuga dos artistas".

<sup>15</sup> Albrecht Haupt, *ob. cit.*, p. 261

de abóbada, formada de arcos de pedra, diz o mesmo cronista, e parece sustentar-se no ar por falta de acompanhamento e repuxo; e tão desmesurada na proporção geométrica que excede as regras de arquitetura. " <sup>16</sup>

Convertendo em dimensões atuais as medidas acima mencionadas, temos 36,10 metros de comprimento da nave, por 12,80 metros de largura. A altura, desde o pavimento até ao fecho da abóbada é de cerca de 26,80 metros.

De cada lado da nave central encontram-se seis capelas com 4,80 m de largura por 3,70 m de profundidade. O cruzeiro é um retângulo com 30.92 m por 5,90 m.

A capela-mor tem 12,50 m de comprimento e 7,54 m de largura<sup>17</sup>.

No entanto em planta constata-se que as dimensões são ligeiramente discrepantes relativamente às anteriormente referidas.<sup>18</sup> Assim a nave da igreja mede 35.10 m de comprimento, por 19.70. as capelas laterais à nave medem aproximadamente 4.95 m de largura por 3.75 de profundidade. Quanto ao transepto, mede 33.75 de comprimento, por 7.08 de largura. A capela-mor mede 12.5 de comprimento, por 10.41 de largura.

Augusto Filipe Simões fez, no "Archivo Pittoresco" uma descrição pormenorizada, do ponto de vista estrutural, que se transcreve pelo seu

---

<sup>16</sup> Celestino David, "Évora - na História e na Arte", Porto, 1930, p. 14, e José Custódio V. da Silva, *ob. cit.*, p. 100, onde refere: " O sistema de cobertura utilizado em S. Francisco, pelas suas dimensões e estrutura, constitui, sem dúvida, o dado mais original desta construção." E ainda, na p. 100: " No entanto, e devido à fraca espessura das paredes laterais, o sistema de suporte da abóbada é completado por poderosos contrafortes internos de alvenaria, que se erguem sobre as paredes divisórias das capelas laterais. Mas as próprias paredes laterais têm inscritos, do lado da nave, grandes arcos diafragmas, que concorrem também para desviar lateralmente o peso da abóbada, aliviando assim os muros." Também António Francisco Barata, " Roteiro da Cidade de Évora ", Évora, 1881, p.11, aponta: " Nesta igreja, como na casa do capítulo da Batalha, está resolvido um problema difícil de mecânica. Sem gigantes, botareos ou outras obras de fortificação e reforço, ali se conserva há séculos majestoso milagre d' arte que assusta e admira."

<sup>17</sup> Caetano da Câmara Manuel, *Através a Cidade de Évora*, Évora, data, pp. 81-81

<sup>18</sup> Planta cedida pela DREMS - Direção Regional de Edifícios e Monumentos do Sul

interesse, na qual nos baseamos para elaborar uma perspectiva da estrutura de igreja.<sup>19</sup>

A capela-mor conserva da obra inicial, de 1509, a estrutura geral do presbitério, as frestas laterais, e a abóbada de dois tramos, de cruzaria de ogivas, formando estrelas de seis pontas.

No final do séc. XVIII, o cónego António Landim Sande, mandou executar o retábulo em mármore da região, que atualmente se admira e que foi sagrado em 1773<sup>20</sup>. Foi, nessa época, desmontado o altar manuelino, sendo apeados também os painéis flamengo-portugueses que atualmente se encontram dispersos por diversos museus<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> A. Filipe Simões, *ob. cit.*, p. 63, " A traça que o de S. Francisco imaginou para resolver com que nem todos se atreveriam, foi muito simples e engenhosa. Em vez de uma só parede de proporcionada grossura, construiu duas de cada lado da igreja, separadas por um vão de pouco mais de 3 m, cuja parte inferior aproveitou para accomodar as capellas lateraes. De espaço a espaço travou as duas paredes com outras transversais, que em baixo separam as capellas entre si. Sobre estas paredes transversais, que são seis de cada lado, estribou igual número de arcos, que dividem o teto n'outras tantas secções, e ao mesmo tempo servem de base a novas paredes, que por cima da abóbada continuam as transversais de um lado da igreja com as do lado oposto. E em correspondência a estas paredes superiores, e nos mesmos planos, construiu outras debaixo do chão, que igualmente continuam as transversais. D'est'arte formou no templo seis quadros ou caixilhos enormes, que dentro d'elle se não vêem, por ficarem dos lados, entre as paredes geraes, em cima superiores à abóbada, e em baixo enterrados no chão. Descubrem-se, porém, sobre os telhados as paredes que transversalmente prendem as fachadas lateraes da igreja, isto é as partes superiores dos quadros. Para fazer mais segura a sua obra, o architecto ergueu outra parede longitudinal por cima de todo o acume da abóbada, cortando assim perpendicularmente e na linha média do teto as paredes transversaes, e do mesmo modo travou as inferiores com uma parede semelhante, que ligou debaixo do chão os dois extremos da nave. ... Como dissemos, só em cima dos telhados se vê o que chamaremos esqueleto do igreja, no qual reside a fortaleza com que ele tem resistido aos séculos que decorreram depois da reedificação apesar de serem de alvenaria as suas delgadas paredes". e Maria do Céu Simões Tereno, *ob. cit.*, para um desenho sobre a estrutura da Igreja, executado com base na descrição de Filipe Simões, pp. 398-399.

<sup>20</sup> Caetano da Câmara Manuel, *ob. cit.*, p. 82

<sup>21</sup> Ver sobre estas pinturas o artigo de Manuel Carvalho Moniz, *Évora no Passado*, Vol. I, Évora, 1970, " Da autoria dos painéis quinhentistas de S. Francisco de Évora".



O claustro do convento foi mandado construir, em 1376, por D. Fernando Afonso de Moraes e executado por João de Alcobaça e ficou adjacente às paredes meridional e oriental da Igreja<sup>22</sup>.

De dimensões excepcionais, tinha mais de 130 colunelos de mármore branco, de que ainda restam alguns, apoiados em 19 gigantes de pedra<sup>23</sup>.

Em meados do passado século encontrava-se em ruína e esta, segundo Túlio Espanca, agravou-se: “ Com o apeamento de alguns lanços de arcaria, que se expuseram no Museu Regional, mas em boa hora, há cerca de 20 anos voltaram para o local, a insistência da DGEMN, que nessa época deu início à reintegração e restauro do monumento. ” <sup>24</sup>

Depois das recentes obras de restauro, o remanescente do claustro foi consolidado, permitindo o acesso direto à Capela dos Ossos. A torre que existe é relativamente recente, datando das obras efetuadas na igreja entre 1860 e 1862, e substituiu o campanário manuelino aí existente<sup>25</sup>.

A Capela de S. Joãozinho, adjacente à Igreja, é obra da época de D. João III, cerca de 1540, e serviu, ainda que efemeramente, de freguesia, enquanto se efetuaram as obras na paroquial de S. Pedro<sup>26</sup>.

No braço direito do transepto encontramos a Sacristia, que foi restaurada durante as obras do final do século passado. Trata-se de uma sala retângula cujas abóbadas em dois tramos, são em arco de claustro.

É também pelo braço direito do transepto que se tem acesso à Sala do Capítulo, dependência de três naves, uma central maior e duas laterais de dimensões menores, e cinco tramos, dois dos quais foram transformados em capela do Senhor Jesus dos Passos. A sua construção remonta, possivelmente, ao quarto decénio do séc. XVI.

---

<sup>22</sup> Pedro Dias, *A Arquitetura Gótica em Portugal*, Lisboa, 1994, p.148

<sup>21</sup> Mário Tavares Chicó, *A Arquitetura Gótica em Portugal*, Lisboa, 1968, p. 152, onde refere: “ No primeiro destes três tipos – o mais simples e mais frequente – podemos incluir também os claustros cobertos de madeira e aqueles que, tendo esta característica, se modificaram mais tarde, quando foram abobadados, como, por exemplo, o de S. Francisco. ”

<sup>24</sup> Túlio Espanca, “ *Inventário Artístico de Portugal* ”, Lisboa, 1966, p. 160

<sup>25</sup> Idem, p. 161

<sup>26</sup> Idem, p. 162

Esta dependência foi utilizada com outras finalidades depois da secularização dos conventos, como Sala de Audiências Gerais do Tribunal da Comarca, até cerca de 1838. Depois sofreu alterações, das quais as mais significativas ocorreram no final do século passado, altura em que, sob o patrocínio do Dr. Francisco Baraona Fragoso, se construiu a Capela do Senhor Jesus dos Passos<sup>27</sup>.

Através da Sala do Capítulo tem-se acesso à Capela dos Ossos. De planta retangular, é constituída por três naves, de quatro tramos, de características semelhantes à sala anterior<sup>28</sup>.

Encontra-se revestida de crânios e tíbias, e não se sabe com rigor a data da sua construção. Aventa-se a hipótese de ter tido início durante o séc. XVII<sup>29</sup>.

Do lado esquerdo do transepto encontram-se as dependências afetas à Irmandade de Penitência da Ordem Terceira. Existentes antes do reinado de D. João V, foram ampliadas neste reinado e têm comunicação direta com o exterior.

Em 1937 foi necessário proceder à desobstrução da porta Norte da primitiva Igreja de S. Francisco, incorporada na atual, razão que determinou algumas amputações nas dependências da Ordem Terceira.

Ficaram, assim, reduzidas à Sala do Consistório, de planta retangular, e teto em abóbada de penetrações pintada a fresco, com uma perspectiva central, de belo efeito, sala esta que tem acesso através da capela quinhentista dos Mendanhas ou Castros, coberta por uma abóbada de cruzaria de ogivas, já referida, mas de que se realça a sua sobriedade e beleza.

Aquando da extinção das ordens religiosas, em 1834, a Igreja de S. Francisco ficou abandonada durante alguns anos. Posteriormente a Irmandade da Ordem Terceira solicitou às entidades competentes a chave

---

<sup>27</sup> Caetano da Câmara Manuel, *ob. cit.*, p. 89

<sup>28</sup> *Idem*, p. 87

<sup>29</sup> *Idem*, p. 162

da Igreja, para procederem ao seu cuidado e também para patentear ao povo a Capela dos Ossos.

No ano de 1840 a igreja foi instituída como paróquia de S. Pedro, o que aconteceu em 28 de Novembro desse ano<sup>30</sup>.

Entretanto, o estado de ruína em que o edifício se encontrava progrediu e tornou-se necessário fechá-lo. Isto foi impedido pelo prior da freguesia que promoveu uma subscrição com vista ao restauro da igreja.

As obras tiveram início em 1860 e dois anos depois foi novamente aberta ao culto<sup>31</sup>.

Parece, no entanto, que as obras foram feitas com pouca profundidade já que em 1930 o Dr. Celestino David dava conta, obra citada, do estado preocupante em que a igreja se encontrava: " A abóbada ogival de nervuras na vasta e elegante nave de que demos as dimensões, é trabalho audacioso, sob o qual de há muito se fixam as atenções dos arquitetos, pois são alarmantes as lesões que oferece, embora se limitem, como afirmou recentemente, o arquiteto Sr. A. Bermudes, à abertura de fendas em toda a espessura dos tímpanos da abóbada compreendidos entre os arcos terciários e os formaletes, fendas que cortam os muros de um e outro lado da abóbada em todos os tramos da mesma e repetindo-se na parede da fachada principal, em toda a espessura, à direita e à esquerda do largo janelão central. "<sup>32</sup>

A acrescer às fissuras existentes e que se mantêm, tem de se contar também com as infiltrações que afetaram o pilar do lado esquerdo do cruzeiro e da zona da janela do lado direito do mesmo.

Dissemos em 1996 que toda a Igreja se encontrava num estado preocupante, em particular nos pontos já referidos e urge tomar providências para que não aconteça o pior, que é a perda irreparável de um edifício único no nosso país.

---

<sup>30</sup> Idem, p. 146

<sup>31</sup> Idem, p. 146

<sup>32</sup> Celestino David, *ob. cit.*, p. 14

Alguns anos transcorridos podem dizer que, apesar de algumas obras de conservação que foram feitas nesse espaço de tempo, não podem considerar-se afastadas todas as preocupações que, têm sido sentidas acerca do conjunto estrutural deste edifício.

### **3. As obras realizadas na Igreja e Convento de S. Francisco**

O conhecimento das obras realizadas nos edifícios da igreja e do convento de S. Francisco permitem-nos apreciar os aspetos mais vulneráveis destas estruturas, bem como o conceito que tem orientado a sua salvaguarda, dentro do espírito expresso na Carta de Atenas e documentos seguintes, deste âmbito.

Para este efeito consultámos o respetivo processo<sup>33</sup> que contém a descrição das obras, e respetivos orçamentos, realizadas desde o início do século XX.

Pareceu-nos de interesse apreciar a regularidade dos cuidados de manutenção e estabelecer alguma comparação entre as diversas intervenções desenvolvidas ao longo do tempo para se avaliar quanto nos aproximamos ou distanciamos dos princípios de salvaguarda a que, desde o início, aderimos.

Nestes termos e para os efeitos pretendidos os valores orçamentais dos diversos anos vêm todos expressos em valores reportados a 2000.

Das obras realizadas extraímos as que nos pareceram mais significativas e mais ligadas às estruturas dos edifícios, não se incluindo, as intervenções de conservação dos painéis de azulejos, de pinturas murais e de talha dourada, efetuadas em 1987, 1997, 1998 e 1999.

Dos documentos existentes na DREMS, o mais antigo a que tivemos acesso respeita o ano de 1937. Parece refletir preocupações manifestadas por personalidades que fundaram o Grupo Pró-Évora, de que salientamos o

---

<sup>33</sup> Processo que existia na DREMS (antiga Direção Regional de Edifícios e Monumentos do Sul), e atualmente no Forte de Sacavém.

alarme lançado por Celestino David, em 1930, sobre o estado de conservação da igreja, principalmente, da sua abóbada

- Obras realizada na década de 1930-1939:

Nesta década apenas se encontra registo das obras realizadas em 1937, de que extraímos os pontos principais <sup>34</sup> :

- Demolição cuidadosa de paredes de alvenaria nos contrafortes dos telhados

Do corpo da Igreja;

- Cintagem de betão armado na estrutura geral dos telhados;

- Reparação geral de ameias;

- Reconstrução geral do pavimento de tijolo;

- Reconstrução geral de telhados existentes, com telha românica;

O valor destas obras corresponde a 51.025.000\$00.

- Obras realizadas na década de 1940-1949:

Não constam quaisquer obras nesta década, na qual decorreu a II Guerra Mundial, devido a este facto e ainda à circunstância de se considerarem consistentes as obras feitas na década anterior.

- Obras realizadas na década de 1950-1959:

Nesta década decorreram obras em 1955, 1956 e 1958.

Destacam-se as obras realizadas em 1955, com uma intervenção mais marcada na área de coberturas, com a reconstrução de telhados da sacristia, da capela dos Ossos, do lado esquerdo do transepto. Foram refeitas juntas em terraços, e construídas cintas de betão armado... <sup>35</sup>.

Estas obras correspondem a 11.848.000\$00.

As obras de 1956 e 1958, igualmente centradas nas coberturas, correspondem a 9.151.000\$00<sup>36</sup>.

As obras nesta década totalizaram, assim, 20.999.000\$00.

---

<sup>34</sup> Memória Descritiva do Processo nº S. 07. 05. 10/017, Direção Geral de Edifícios e Monumentos do Sul, 1937

<sup>35</sup> Memória Descritiva do Processo nº S. 07. 05. 10/017, Direção Geral de Edifícios e Monumentos do Sul, 1955

<sup>36</sup> Idem, 1956 e 1958

- Obras realizadas na década de 1960-1969:

Nesta década houve obras de pouca monta em 1960, 1962, 1963, 1965, 1966 e 1969<sup>37</sup>.

Respeitaram a limpeza e isolamento nos telhados, assentamento de tijoleira, rebocos e caiações e reparação de canalizações de água e de esgoto.

As obras nesta década totalizaram 4.962.000\$00.

- Obras realizadas na década de 1970-1979:

Foram realizadas obras em 1973, 1974, 1975, 1977, 1978 e 1979<sup>38</sup>.

Destas obras parecem de realçar:

A reconstrução da cobertura da Capela de S. Joãozinho, em 1973<sup>39</sup>; limpeza e reparação de telhados e gárgulas, em 1975<sup>40</sup>; assentamento de colunas de mármore, de bases de capitéis e aduelas de arcos, no claustro do convento, em 1977<sup>41</sup>; reparação e limpeza de telhados e gárgulas, bem como reconstrução de canalização de águas e esgotos, em 1979<sup>42</sup>

Nesta década as obras corresponderam ao total de 12.233.000\$00.

- Obras realizadas na década de 1980-1989:

- Foram realizadas pequenas obras de conservação em 1980, 1981, 1983, 1985 e 1987<sup>43</sup>.

As de 1980, 1981 e 1985 respeitaram a limpeza de telhados essencialmente.

As de 1987 centraram-se principalmente, na Capela de S. Joãozinho, com limpeza e reparação de telhados, substituição do pavimento e beneficiação da soleira da entrada da Capela.

---

<sup>37</sup> Idem, 1960, 1962, 1963, 1965, 1966 e 1969

<sup>38</sup> Memória Descritiva do Processo nº S. 07. 05. 10/017, Direção Geral de Edifícios e Monumentos do Sul, 1979

1973, 1974, 1975, 1977, 1978 e 1979

<sup>39</sup> Idem, 1973

<sup>40</sup> Idem, 1975

<sup>41</sup> Idem, 1977

<sup>42</sup> Idem, 1979

<sup>43</sup> Memória Descritiva do Processo nº S. 07. 05. 10/017, Direção Geral de Edifícios e Monumentos do Sul, 1980, 1981, 1983, 1985 e 1987.

O valor de todas as obras corresponde a 3. 694.000\$00.

- Obras realizadas na década de 1990-1999:

Constam obras de beneficiação do edifício em 1996; Obras de consolidação em 1997 e obras de conservação em 1999.

As beneficiações de 1996 foram apontadas, essencialmente, para os terraços e telhados <sup>44</sup>.

Em 1997 a atenção foi dirigida para o revestimento do edifício, e para a recuperação de portas, janelas e vitrais<sup>45</sup>.

Em 1999, foi feita a reparação de rebocos exteriores e a colocação de um tirante em aço inoxidável, na parede da fachada sobre o galilé<sup>46</sup>.

Nesta década as obras correspondem ao total de 36.365.000\$00.

- Obras realizadas na década iniciada em 2000:

Em 2000 foram executadas obras de reparação de rebocos em paredes exteriores e reparação de merlões<sup>47</sup>.

Em 2001, continua a reparação de rebocos em paredes exteriores e caiação, orçamentadas em 8.250.000\$00 <sup>48</sup>.

O valor destas obras totaliza 29.473.000\$00.

Pelos elementos recolhidos observa-se que as principais vulnerabilidades do edifício se encontram nas coberturas. Consta da memória descritiva da empreitada nº 4/97/DREMS que está a ser elaborado pelo LNEC (Laboratório Nacional de Engenharia Civil) um estudo referente à estabilidade do edifício da igreja<sup>49</sup>.

---

<sup>44</sup> Idem, 1996

<sup>45</sup> Idem, 1997

<sup>46</sup> Idem, 1999

<sup>47</sup> Idem, 2000

<sup>48</sup> Memória Descritiva do Processo nº S. 07. 05. 10/017, Direção Geral de Edifícios e Monumentos do Sul, 2001

<sup>49</sup> Idem, 1997

Na memória descritiva da empreitada nº 6/98/DREMS refere que aqueles estudos não estão concluídos, o que condiciona as intervenções de conservação, para não interferirem com as investigações a realizar<sup>50</sup>.

Considerando como uma mesma intervenção programada no tempo, a que se desenvolveu desde 1996 até 2001, podemos dizer que este edifício mereceu, ao longo das últimas seis décadas, três intervenções importantes: a de 1937, a de 1955 e a de 1996-2001, sendo as mais significativas a primeira e a última, em termos de valores despendidos.

Ao longo deste tempo anos foram despendidos 158.751.000\$00.

A intervenção de 1937 representa 32.1% do total das intervenções; a de 1955 representa 7.5% e as de 1996-2001 representam 41.5 %.

Assim, este conjunto de intervenções representa 81.1% do total dos valores despendidos e os restantes 18.9% correspondem a todas as intervenções que foram feitas sem características de continuidade, ao longo destas décadas.

#### **4. Estado em que se encontra a Igreja de S. Francisco**

A Carta da Conservação e do Restauro e as Cartas posteriores, relacionadas com esta matéria, apontam para a elaboração de relatórios analíticos e críticos, devidamente ilustrados com desenhos e fotografias, sobre as intervenções realizadas, para facultar o conhecimento dos edifícios e proporcionar elementos para o desenvolvimento científico desta área.

Não tivemos acesso a relatórios deste tipo respeitantes às intervenções feitas no edifício, por este motivo, com os elementos disponíveis procuramos estabelecer um esboço de historial desta Igreja, tendo em vista a fundamentação de uma ação de salvaguarda a empreender.

Aos elementos históricos obtidos, foram acrescentados os relatos dos pontos principais das obras de conservação e de restauro realizadas, apenas nas últimas seis décadas, únicas a cujos registos tivemos acesso.

---

<sup>50</sup> Memória Descritiva do Processo nº S. 07. 05. 10/017, Direção Geral de Edifícios e Monumentos do Sul, 1998



Depois da recolha destes dados temos visitado a igreja com alguma frequência, para obter um conhecimento o mais próximo possível do seu estado de conservação.

Além da observação atenta do seu interior, visitamos a parte acessível dos telhados para apreciação do seu estado e necessidades.

A descrição das obras de restauro e de conservação feitas desde 1937 permite-nos, mesmo sem outros elementos, afirmar que esta Igreja se encontra numa situação carente, apesar dos cuidados que ultimamente tem merecido.

Como se viu, a abóbada da nave foi alvo de atenção cuidada em 1937 e, a partir dessa data, não mereceu tratamento específico. Não pode, por isso, estranhar-se que as fendas, já mencionadas por Celestino David, em 1930, tenham crescido paulatinamente, apresentando as atuais dimensões preocupantes.

Além destas fendas, muito visíveis, existem outras, igualmente visíveis e preocupantes, que continuam na fachada principal da Igreja as fendas das abóbadas, e notam-se já desagregações da alvenaria na fachada posterior, na zona da capela-mor, a corresponder, sensivelmente, ao local onde abateu o brasão.

Na parte superior das fendas que ladeiam a grande janela da fachada principal, nota-se a aplicação de "gatos", cobertos por reboco, mas que parecem não ter solucionado o problema. Recentemente foi colocado um tirante nesta fachada, por cima da galilé.

A associação destas fendas com as da abóbada permite admitir que se tenha verificado algum desvio na verticalidade das fachadas laterais a que poderá estar ligada a retirada do edifício encostado à fachada esquerda e a ruína do claustro encostado à fachada direita, que poderiam, de alguma forma, desempenhar o papel de suportes.

Além destes, existiam problemas, embora de menor monta, nas coberturas da Capela dos Ossos e da Capela de S. Joãozinho, que se espera tenham obtido solução com as intervenções recentes.

As fendas estendiam-se à abóbada do transepto, onde eram visíveis largas áreas húmidas, devido a infiltrações de águas pluviais, entretanto solucionadas.

Em 29 de Julho de 1995, desligou-se e caiu o brasão de armas reais que encimava a parede frontal da capela-mor. Admite-se que tal facto se possa atribuir à trepidação provocada por tráfego intenso que se verificava na Rua da República.

O que resta da arcaria do claustro foi recentemente utilizada como acesso à Capela dos Ossos, permitindo que as celebrações não sejam interrompidas.

## **5. Medidas de conservação que se julgam necessárias para a sua salvaguarda**

A situação descrita faz-nos sentir a necessidade de vários níveis de intervenção e da participação de entidades com diferentes graus de responsabilidade.

Algumas Convenções e Recomendações, no âmbito da UNESCO, frisam a responsabilidade dos Estados na salvaguarda do seu património cultural, responsabilidade que se materializa com a adopção de medidas legislativas, de medidas financeiras e de criação de estruturas para a concretização das ações de manutenção, de conservação, ou de restauro, necessárias a esse fim.

Sugere-se mesmo, que essas ações de conservação podem ser contratadas com empresas qualificadas para o efeito, se não existirem estruturas próprias.

A manutenção e a conservação devem ter um carácter de permanência, mas a diferença de meios envolvidos aponta para que a manutenção seja das atribuições das entidades utilizadoras, enquanto a conservação se situa no âmbito de responsabilidades do Estado, como estabelece o nº 2 do Art.º 4º da Lei nº 13/85 de 6 de Julho.

Estabelece a Lei, neste Artigo, que o Estado promoverá as medidas necessárias e indispensáveis a uma ação permanente e concertada de levantamento, estudo, protecção, conservação e valorização dos bens culturais. A concretização destas medidas será muito benéfica para a conservação deste monumento.

A continuidade de ações de conservação que se têm vindo a desenvolver, desde 1996, deixam-nos entender que se está no bom caminho, pois sabe-se como as pausas demoradas nestas ações são prejudiciais à conservação de um monumento e tornam mais onerosas e de resultados mais problemáticos as novas intervenções.

No campo da conservação, poderemos ainda admitir, apoiando-nos na Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades e Bairros Históricos, uma alteração na circulação rodoviária nas imediações desta Igreja, para não sujeitar as suas paredes estruturais às trepidações provocadas por veículos pesados.

O estudo da estabilidade deste edifício, em desenvolvimento pelo LNEC, sobre as necessidades de consolidação das paredes estruturais do edifício e da abóbada<sup>51</sup> da nave tem vindo a ser realizado, encontrando-se esta monitorizada para deteção de alargamento das fissuras tendo como objetivo uma continuidade assegurada de um edifício com as características arquitetónicas que este possui.

Em 1997 ocorreram campanhas de obras com o objetivo de reduzir as humidades na abóbada da nave da igreja, controlar as humidades na zona do claustro e criar um novo sistema de visita e acesso à Capela dos Ossos. Foi também executado o restauro pinturas murais na Sala da Ordem Terceira.

No ano seguinte foram intervencionadas as pinturas murais da abóbada da Capela dos Ossos, com a fixação da película cromática, foi feita a limpeza da camada pictórica e reintegração cromática. Foi também

---

<sup>51</sup> A fissuração de abóbadas e paredes parece corresponder a problemas estruturais do edifício que foram possivelmente agravados pela reforma manuelina e pelas demolições ocorridas no Séc. XIX, ou seja a demolição das construções anexas à igreja e que poderiam ter a função de contrafortes.

realizada a intervenção na pintura no portal da Sala do Capítulo, com remoção de argamassas e respetiva limpeza, a consolidação do reboco e a reintegração cromática. Ainda em 1998 foi colocado um de tirante em aço inox na parede da fachada sobre a galilé, para consolidação da estrutura do edifício. Em 1999 foram efetuadas obras de conservação e restauro de talhas douradas na Capela do Calvário.

Das intervenções mais recentes, em 2002 salientam-se a recuperação e reconstrução de rebocos exteriores; a substituição na íntegra da cobertura da Capela São Joãozinho em também reparações pontuais nas restantes coberturas. Recentemente foram redescobertos os antigos dormitórios dos monges, na altura em que foi necessário proceder à reparação do telhado da capela do senhor Jesus dos Passos.

Em 2002 foram realizadas obras de conservação e reparação pontual de rebocos e caiações, e no ano seguinte foi elaborada a Carta de Risco da abóbada pela DGEMN.

As ações de manutenção e conservação desenvolvidas a partir de 1996 parecem mostrar que este edifício merece das entidades responsáveis as atenções de estudo e conservação que nos permitem admitir estar-se no caminho de ser garantida a sua salvaguarda.

\* Professora Auxiliar do Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora, Rua Romão Ramalho, 59, 7000 Évora. Portugal; [ceutereo@gmail.com](mailto:ceutereo@gmail.com);